

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes

Valéria Aparecida Gatti Ladeia Costa

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELO OLHAR/
A CONSTRUÇÃO DO OLHAR COMO CONHECIMENTO**

Belo Horizonte
2016

Valéria Aparecida Gatti Ladeia Costa

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELO OLHAR/
A CONSTRUÇÃO DO OLHAR COMO CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao colegiado de graduação em
Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais como
requisito parcial para obtenção de título de
bacharel em Artes Visuais.

Habilitação em Pintura.

Orientadora: Prof^a Giovanna Martins Simedó

Belo Horizonte

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço as críticas e comentários de cada professor sobre meu trabalho contribuindo para minha formação e por tudo que ensinaram.

Ao meu marido, Wilson e meus filhos, Júlia e Hugo, pelos incentivos e estímulos e por acreditarem em minha capacidade desde o começo. Todos ajudaram nos momentos de desânimo e de dúvidas.

À professora Giovanna Martins, pela orientação na condução do trabalho, seu profissionalismo e competência ao ensinar.

RESUMO

Este trabalho composto de três capítulos retrata a minha trajetória ao longo dos quatro anos e meio na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. O primeiro capítulo, 'O conhecimento artístico' trata da influência do conhecimento para a formação de um repertório imagético que me auxiliou na escolha da Habilitação do curso. O segundo capítulo 'A escolha da Habilitação' descrevi o aprendizado nas aulas práticas de pintura e seu reflexo na construção dos meus trabalhos. No terceiro e último capítulo, 'O desafio dos Ateliês, faço uma reflexão dos trabalhos desenvolvidos nos Ateliês durante o curso.

Palavras-chave: Arte, conhecimento, pintura, paisagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edgar Degas. Les danseuses roses, 1884, Óleo sobre tela, Ny Carlsberg Glyptotek.....	11
Figura 2: Alfredo Volpi, Bandeirinhas, 1970, têmpera sobre tela, 72 x 47 cm.	14
Figura 3: Giorgio Morandi, Natureza morta (Still Life), 1956, óleo sobre tela. Museo di Arte Moderna e Contemporanea di Trento e Rovereto, Giovanardi collection, 2008 Artists Rights Society (ARS), New York / SIAE, Rome.	14
Figura 4: Valéria Gatti, sem título, 2015, Aquarela sobre papel, 15 x 25 cm.	16
Figura 5: Valéria Gatti, sem título, 2012/2, guache sobre papel, 29,7 x 21,0 cm.	17
Figura 6: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílica sobre tela, 120 x 200 cm.	18
Figura 7: Valéria Gatti, sem título, 2013/1, acrílica e vinílica sobre tela, 40 x 60 cm	18
Figura 8: Valéria Gatti, sem título, 2014/2, óleo sobre tela, 60 x 100 cm.....	19
Figura 9: Valéria Gatti, sem título, 2013/2, acrílica sobre lona, 100 x 120 cm.	20
Figura 10: Valéria Gatti, sem título, 2013/2, acrílica sobre lona, 80 x 100 cm.	21
Figura 11: Valéria Gatti, sem título, 2014, acrílica sobre lona, 80 x 90 cm.....	21
Figura 12: Valéria Gatti, sem título, 2014, técnica mista sobre lona, 80 x 120 cm.....	22
Figura 13: Valéria Gatti, sem título, 2014, técnica mista sobre lona, 80 x 120 cm.....	23
Figura 14: Mário Zavagli, Sagarana, aquarela sobre papel, 62 x 40 cm.....	24
Figura 15: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílica sobre lona, 80 x 120 cm.	25
Figura 16: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílica sobre lona colada em madeira, 60 x 80 cm.	25
Figura 17: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílico sobre lona, 20 x 76 cm.	26
Figura 18: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílico sobre lona, 20 x 76 cm.	26
Figura 19: Lisa Grossman, Serpentine II, óleo sobre tela, 51 x 61 cm.....	27
Figura 20: Valéria Gatti, sem título, 2015, óleo sobre tela, 120 x 200 cm.	28
Figura 21: Valéria Gatti, sem título, 2015, óleo sobre tela, 120 x 180 cm.	29
Figura 22: Valéria Gatti, sem título, 2015, óleo sobre tela, 120 x 180 cm.	29
Figura 23: Valéria Gatti, sem título, mosaico com cacos de cerâmica, 600 x 180 cm.....	30

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 O conhecimento artístico	9
3 A habilitação em pintura.....	13
4 O desafio dos Ateliês.....	20
4 Considerações finais	31
Referências	33

1 Introdução

No ano de 2010, decidi que voltaria a estudar e me inscrevi no Enem. Consegui realizar um sonho: ser aprovada para o Curso de Artes Visuais na escola de Belas Artes da UFMG para o 2º semestre de 2011.

Logo no começo do curso o professor Eugênio Paccelli me perguntou o porquê de ter escolhido estudar arte. Confesso que naquele momento ainda não tinha parado para pensar sobre as minhas reais expectativas quanto ao curso, porém a primeira resposta que me veio à mente foi porque queria fazer um curso prazeroso, que me propiciaria conhecer diversas técnicas e materiais e ainda, porque, assim, voltaria a desenhar e pintar. Além disto, poderia conhecer inúmeros artistas e suas obras. Afinal, essa havia sido uma realização adiada por mim durante muitos anos.

Hoje, depois de passar pela experiência no curso na Escola de Belas Artes, ao percorrer o mundo, meu olhar não é mais o mesmo. Em tudo encontro coisas e detalhes que não percebia antes. Cada edifício antigo da cidade, cada esquina comum, no movimento que vejo, nos barulhos que escuto, descubro novos sentidos e significados.

A arte se expandiu dos museus e galerias, das paredes das casas e das igrejas, para as ruas. Deixou de ser estática para ser vivenciada, experimentada, sentida em todos os espaços.

Ao longo dos cinco anos que estive na Escola de Belas Artes, o conhecimento adquirido me propiciou uma melhor compreensão dos diversos aspectos e manifestações da arte, e também me ajudou a ver e a entender a arte que se faz atualmente, assim como seus conceitos.

A arte está longe de ser aquela produção convencional dos discursos da era acadêmica. Ela está livre para se materializar sob qualquer forma. A transformação é inevitável até mesmo para a pintura que luta para se manter interessante entre tantas outras novas linguagens que surgem a todo o momento. Sua valorização se dá pelo conteúdo e conceito daquilo que almeja representar.

A pintura, apesar de ser uma prática artística que carrega o peso de ter sido protagonista por muito tempo na história, continua sendo objeto de apreciação, de admiração e contemplação, em que as pinceladas traçam emoções únicas e

particulares de cada artista transmitidas aos espectadores, é o que vemos e sentimos quando estamos diante uma obra que dá o devido valor à mesma.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso procurei refletir sobre o meu aprendizado, as práticas em sala de aula e sobre aquilo que me ajudou a construir um pensamento artístico coerente com meus anseios, refletido em meus trabalhos.

2 O conhecimento artístico

Cada disciplina que cursei na Escola de Belas Artes me trouxe algo novo. Cada professor me apresentou algo diferente a partir de sua bagagem de conhecimento, com suas preferências e seu estilo próprio advindo, quase sempre, de sua própria pesquisa na área.

Assim, meu conhecimento imagético e teórico foi se ampliando. Os meus preconceitos em relação a algumas expressões da arte foram se extinguindo. As minhas preferências também se modificaram, na medida em que fui aprendendo os conceitos que acompanham diferentes períodos da história da arte. Somente podemos ter senso crítico se possuímos um conhecimento prévio para nos basearmos nele.

A visitação a museus e galerias de arte e o contato com diferentes períodos e movimentos da arte nos permitiu, durante o desenvolver do curso, conhecer o processo de construção das obras, perceber as sutilezas das pinceladas, das cores, a composição e outros elementos dos quais são feitas as obras, relacionando-as aos conhecimentos adquiridos nas práticas de sala de aula.

Cada obra, geralmente, se relaciona com o seu tempo, o pensamento do contexto, os costumes, os sentimentos, as habilidades e inquietações do artista, e para entendermos a obra do artista é necessário que nos aproximemos da obra buscando, se possível for, outras informações sobre ela.

Podemos falar das sombras de Rembrandt, da coragem de Caravaggio, do belo em Michelangelo e Rafael, dos talentos de Leonardo da Vinci, da delicadeza de Pierre Bonnard, da busca obstinada de Paul Cézanne, da ousadia de Marcel Duchamp, do simbolismo de Gustav Klint, da representação da massa de destruição do Anselm Kiefer, da busca de si mesma e de seus medos em Frida, das sutilezas das cores de Monet, da amargura de Goya, de Pablo Picasso com sua arte revolucionária, dos impulsos de van Gogh, das dançarinas de Edgar Degas, da simplificação de Mondrian, da natureza do Brasil no modernismo de Tarsila do Amaral, das cenas rurais de Portinari, do colorido de Beatriz Milhares, da geometria simplificada de Paulo Pasta, do olhar de Ana Elisa Egreja. Esses são alguns exemplos.

São tantos artistas que deixaram suas marcas no mundo e que interessam àqueles que trabalham e pesquisam dentro do campo da arte, que o período de aprendizado teórico e prático dentro da universidade é pouco. Tudo que vemos e aprendemos ali nos acrescenta e estimula a produzirmos algo de autoral. Nós, enquanto alunos e artistas, procuramos igualmente expressar em nossos trabalhos as experiências adquiridas e vividas, seja do passado ou do presente.

A arte é uma oportunidade e um meio de externar nossas feridas, contradições, desejos, posições políticas, sonhos e expectativas com a vida.

Um artista que sempre exerceu certo fascínio sobre mim foi Edgar Degas (Figura 1), tanto por sua capacidade de registrar o movimento, a dança, quanto pela forma de captar o instante. O que importava para Degas ao pintar as bailarinas eram os detalhes dos tecidos, suas pregas e o movimento, os efeitos da luz no palco.

...< A bailarina serve somente de pretexto para um quadro>, disse Degas. A sua arte revela um mundo no qual o transitório e solidamente estruturado, a aparência e a verdade, a ficção e a desilusão não podem ser distinguidas.¹



Figura 1: Edgar Degas. Les danseuses roses, 1884, Óleo sobre tela, Ny Carlsberg Glyptotek.

Observando as suas obras de Degas conseguimos perceber a sua intenção e seus desejos estampados nas telas, por isso acredito que o sentimento está impresso pelas pinceladas, a intuição, a espontaneidade e o acaso, são habilidades que tenho tentado manter para que a minha produção possa se tornar mais substancial.

¹ GROWE, Bernard. *Edgar Degas: Joqueis e Bailarinas*. Editora Taschen, Alemanha, 2001, p. 52

Procuro, enquanto artista e pintora, em minhas pinceladas captar o movimento das águas, das árvores e das montanhas.

O conhecimento da história da arte e as diversas práticas experimentadas no primeiro e segundo período, embora não tenha sido em profundidade, influenciaram na escolha do meu caminho pela habilitação em Pintura.

3 A habilitação em pintura

No segundo semestre de 2012, quando me encontrava no terceiro período do curso, fiz a opção pela Habilitação em Pintura. A materialização em pintura de projetos existentes na imaginação é desafiadora e estimuladora.

Após a escolha que já havia sido difícil diante de tantas outras possibilidades outras indagações começaram. Tudo vai bem enquanto somente estudamos e criticamos o trabalho do outro. Mas e o meu? O que pintar? Qual técnica usar? Como usar? Onde quero chegar?

Para o processo criação devemos recorrer à imaginação e à razão para transformarmos nosso pensamento em algo materializado.

“[...] tanto o pensamento como a arte, ao transformarem a origem confusa da imaginação em obras de arte e obras de pensamento, recorrem à razão. Mais ainda: para os trabalhos de pensamento e de obras de arte, a razão jamais se sobrepõe à imaginação, nem se desenvolve à parte: ela é também sentimento de alegria – paixão alegre que aumenta potência de criar, pensar e agir.”²

Indagar sobre o tema e a sua importância em um trabalho também foi parte de minhas questões e de meu aprendizado.

Quando vemos pintores como Alfredo Volpi (Figura 2) com suas bandeirinhas, ou Giorgio Morandi (Figura 3) com suas garrafas, construindo suas obras utilizando objetos simples, entendemos que o tema possui uma relevância apenas relativa, que um trabalho de pintura tem que transmitir a sua verdade por meio das pinceladas, das cores, da composição e da harmonia – e sua matéria, portanto – não importa se esta se dá ao pintar uma natureza morta, algo figurativo ou abstrato.

² NOVAES, Adauto (org). Constelações. In: _____. Artepensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.17.



Figura 2: Alfredo Volpi, *Bandeirinhas*, 1970, têmpera sobre tela, 72 x 47 cm.



Figura 3: Giorgio Morandi, *Natureza morta (Still Life)*, 1956,  leo sobre tela. Museo di Arte Moderna e Contemporanea di Trento e Rovereto, Giovanardi collection, 2008 Artists Rights Society (ARS), New York / SIAE, Rome.

Foi nesse período que percebi como é difícil pintar, e que é preciso acreditar naquilo que produzimos, além de praticar bastante para alcançar os objetivos que traçamos.

Devemos usar a pintura como uma ferramenta, pensando o mundo com as mãos e os olhos, isto é, com o próprio corpo.

Tive oportunidade de experimentar, nas disciplinas Pintura A, B e C, diversas técnicas, tais como pintura à tinta acrílica, à têmpera vinílica, como guache e também com a aquarela, e perceber o que de melhor podemos obter de cada uma. Isto ajudou a escolher, posteriormente, a técnica que melhor se encaixaria na minha proposta e comporia meu repertório em pintura.

Com a professora Giovanna Martins, aprendi quais foram os primeiros materiais e tipos de tinta surgidos, como eram manipuladas e utilizadas, tais como as encáusticas frias e quentes, as pinturas dos afrescos, as têmperas a ovo, a tinta óleo, a tinta acrílica.

Cada material tem a sua especificidade e nos responde de maneira diferente. O exercício e o contato com tantas técnicas me estimularam a trabalhar ainda mais. Cada semestre que passava era um novo desafio e eu fui tomando, cada dia mais, o gosto pelas experimentações.

Também com a professora Giovanna, percebi as potências da aquarela: tinta à base de água que surgiu na China a mais de 2.000 anos. Com ela podemos colocar no papel a suavidade e a transparência, leveza e lirismo. Vejo nessa técnica uma grande possibilidade de materialização da sensibilidade. Com ela podemos fazer manchas de cores ou mesmo trabalhos figurativos e naturalistas. Suas possibilidades são infinitas. A beleza da aquarela está também atrelada ao acaso: é aquela água derramada em excesso, é a mancha originada pelos pigmentos de cores variadas ou também o acúmulo de pigmento formando um borrão em determinado lugar. (Figura 4).

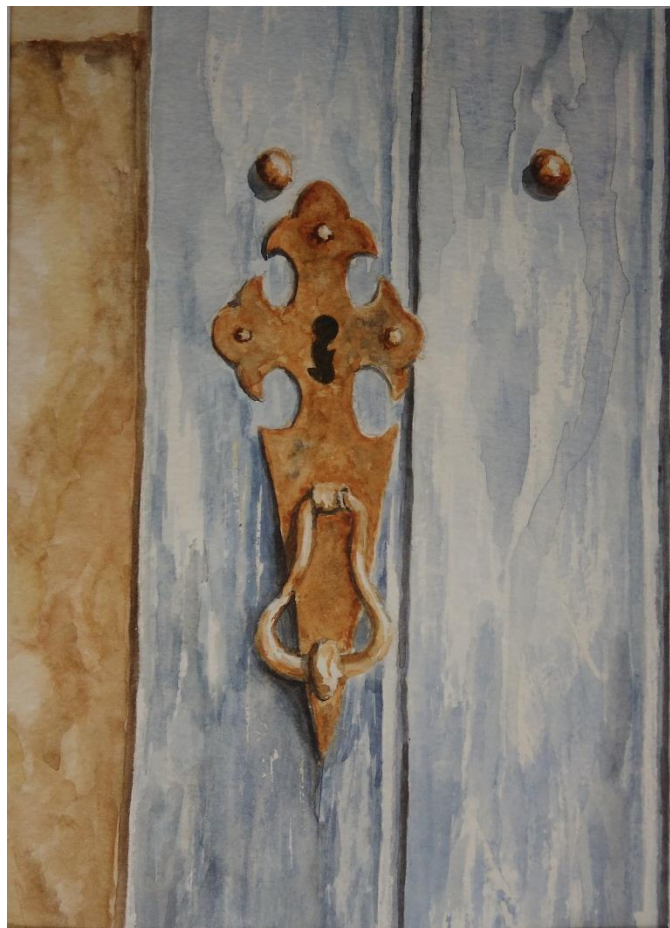


Figura 4: Valéria Gatti, sem título, 2015, Aquarela sobre papel, 15 x 25 cm.

Esse exercício e o contato com as diversas técnicas me ajudaram a colocar, na pintura, aquilo que é importante para mim.

A tinta guache, por exemplo, é parecida com a aquarela, porém é densa e opaca. É também muito versátil, podendo ser riscada, superposta ou cobrindo cores escuras com cores claras. Achei interessante o uso do guache, porém ainda não era o que me satisfazia nos trabalhos que produzia. (Figura 5)



Figura 5: Valéria Gatti, sem título, 2012/2, guache sobre papel, 29,7 x 21,0 cm.

A tinta acrílica é uma tinta a base de água e é inodora. Possui secagem rápida que favorece a fatura da obra em alguns casos. Mas em compensação, se queremos um efeito de dégradé, por exemplo, a mistura das cores é mais difícil reter controlada. Possui uma aparência plástica se pouco diluída quando usamos mais água suavizamos essa característica. (Figura 6).

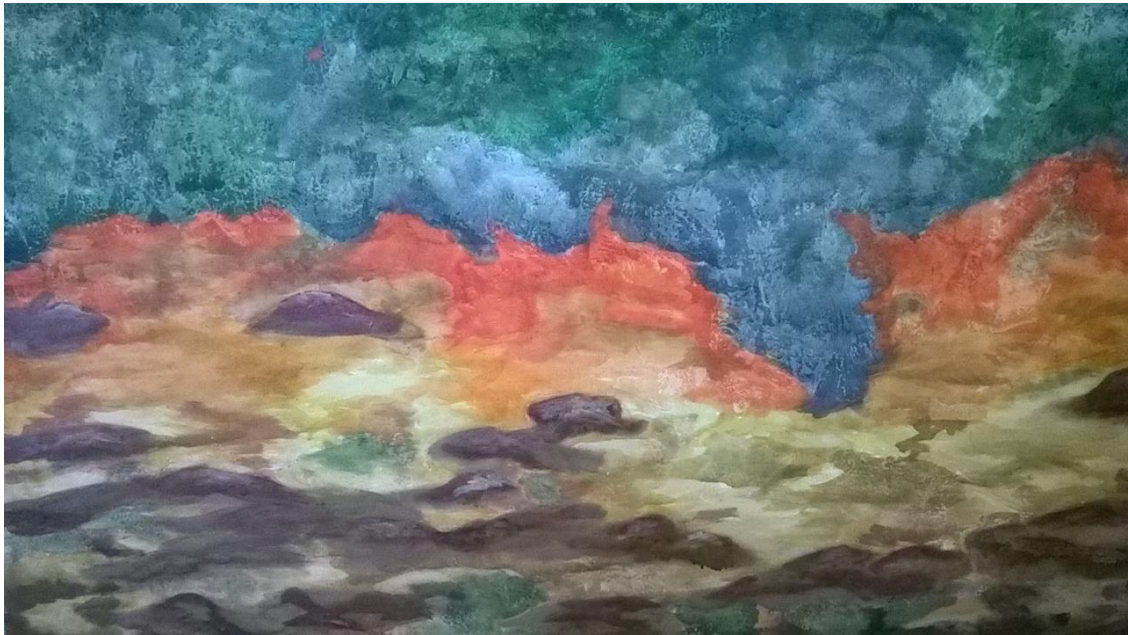


Figura 6: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílica sobre tela, 120 x 200 cm.

Já no primeiro semestre de 2013, quando cursei a disciplina “Pintura projeto” com o professor Lincoln Volpini, experimentei usar texturas utilizando massa para modelagem junto com a tinta acrílica e vinílica (Figura 7). Achei que ficou um trabalho interessante, mas a sua dimensão não valorizou o resultado.

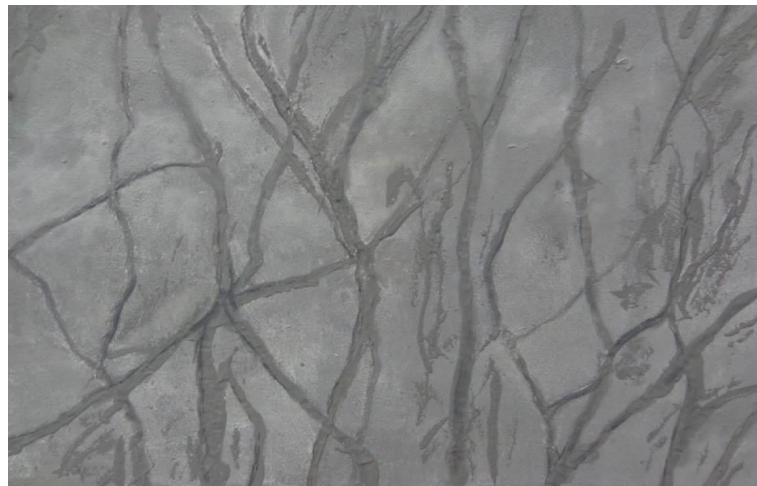


Figura 7: Valéria Gatti, sem título, 2013/1, acrílica e vinílica sobre tela, 40 x 60 cm

Já a pintura a óleo possui uma textura aveludada e secagem muito lenta, o que favorece a mistura nas cores, permitindo alterações e correções. A desvantagem está na necessidade de diluentes, produtos químicos agressivos e, alguns, de cheiro desagradável. A demora na secagem propicia trabalhos mais delicados e fluidos. (Figura 8)



Figura 8: Valéria Gatti, sem título, 2014/2, óleo sobre tela, 60 x 100 cm.

4 O desafio dos Ateliês

Depois desse breve contato com os vários tipos de tintas e técnicas possíveis na pintura começaram as disciplinas de Ateliê e meu desafio de produção de um trabalho mais autoral.

No segundo semestre de 2013, no Ateliê I, comecei a pintar, utilizando os ipês como temas.

Os ipês são as árvores símbolo de Belo Horizonte. Quando florescem, se tornam uma explosão de cor aos nossos olhos, embelezando as avenidas com sua grandiosidade, exuberância e beleza. Tentei materializar na tela toda admiração que tenho por essas árvores e suas cores.

Produzi vários trabalhos a partir delas utilizando a tinta acrílica. Não buscava um naturalismo, mas talvez certo conceito de beleza e perfeição ainda enraizado em minha mente (Figuras 9 e 10).



Figura 9: Valéria Gatti, sem título, 2013/2, acrílica sobre lona, 100 x 120 cm.



Figura 10: Valéria Gatti, sem título, 2013/2, acrílica sobre lona, 80 x 100 cm.

Em seguida, no Ateliê II, comecei pintando novamente o ipê branco, utilizando na pintura a tinta acrílica distribuída em aguadas. Esse trabalho me surpreendeu pois assim a pintura não ficou brilhante e o resultado da superposição de aguadas sugeriu uma transparência desfocada, de volume, que me agradou. Deixei apenas a sugestão do tronco para valorizar ainda mais as flores compostas em cachos(Figura 11).



Figura 11: Valéria Gatti, sem título, 2014, acrílica sobre lona, 80 x 90 cm.

Ainda utilizando a tinta acrílica aguada fiz duas pinturas de árvores. Nos troncos utilizei massa acrílica, esperando que eles sobressaíssem na pintura. A superfície da água foi construída com uma superposição de aguadas com tons próximos. Os galhos secos representam a aridez em contraste com a água que nos remete a vida pois sem ela não vivemos (Figuras 12 e 13). As árvores sem folhas estiveram presentes em meus desenhos desde a infância.



Figura 12: Valéria Gatti, sem título, 2014, técnica mista sobre lona, 80 x 120 cm.



Figura 13: Valéria Gatti, sem título, 2014, técnica mista sobre lona, 80 x 120 cm.

Ainda no Ateliê II, com o professor Mário Zavagli, comecei um novo projeto de trabalho buscando misturar uma paisagem panorâmica com pequenas figuras geométricas que iam se dispersando pelo plano até desaparecerem no horizonte na composição.

As pinturas em aquarela de Zavagli, retratando o relevo da cidade de Diamantina, inspiraram a produção nas minhas pinturas de paisagem. Suas pinturas são magníficas e percebemos em sua poética a aproximação sentimental que possui com a região. (Figura 14)



Figura 14: Mário Zavagli, Sagarana, aquarela sobre papel, 62 x 40 cm.

Em meu caso, diante de uma vista panorâmica, vejo as cidades entre as montanhas como um amontoado de quadradinhos. Elas interferem e se confundem na natureza. A cidade é uma interferência construída pelo homem, porém quando distante de nosso ponto de visão, a percebemos como parte desta natureza tornando-se uma massa de cor no horizonte que se integra à paisagem.

Nestes trabalhos (Figuras 15 e 16), preparei a lona com tinta vinílica e usei novamente a tinta acrílica aguada no fundo, e mais densa nas figuras geométricas em um plano mais frontal.



Figura 15: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílica sobre lona, 80 x 120 cm.



Figura 16: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílica sobre lona colada em madeira, 60 x 80 cm.

No segundo semestre de 2014, no Ateliê III, ainda com o professor Zavagli continuei a pintar essas paisagens panorâmicas, com um distanciamento ainda

maior, sugerindo uma visão mais aérea, como se estivesse voando, nas quais as figuras geométricas foram se tornando mais sutis, pois utilizava tonalidades um pouco acima daquela utilizada no fundo. O suporte em lona recebia uma camada de tinta vinílica e depois fui construindo o relevo e o céu com a variação das tonalidades com tinta acrílica. Queria valorizar a horizontalidade, por isso o formato dessas pinturas ficou mais retangular. (Figuras 17 e 18)



Figura 17: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílico sobre lona, 20 x 76 cm.



Figura 18: Valéria Gatti, sem título, 2014/1, acrílico sobre lona, 20 x 76 cm.

A cada pintura que produzia, as figuras geométricas iam se apagando e se dissipando na paisagem em uma simplificação, até que as eliminei de vez e transformaram no último ateliê. O professor Zavagli me ajudou muito neste processo de compreensão da minha produção artística.

Entendo hoje, que durante todo meu curso, minha busca foi pela pintura de paisagem e que minha pincelada foi se desenhando e se firmando, com o passar do tempo, na prática da pintura.

Nasci em Minas Gerais, onde o relevo é predominantemente montanhoso. Chegar ao topo de uma montanha e admirar a paisagem é um alimento para meu espírito. Quanto estou no alto dela vejo um mar de montanhas que se perdem dos meus olhos. Na medida em que vão se distanciando, vão se misturando com o céu

no horizonte. Poder estar diante de uma vista esplendorosa e magnífica me estimula trazendo desejos de materializar, na pintura, toda a beleza que meus olhos alcançam. Poderia passar horas apreciando a natureza.

Identifiquei-me muito com as pinturas efetuadas pela artista americana Lisa Grossman, nascida em 1967 na Pensilvânia. Seus trabalhos me inspiraram nessas paisagens. Ela retrata as pradarias e também o rio Kaw de Kansas City e seu poder de mudar de Luz e cor conforme as estações. (Figura 19)



Figura 19: Lisa Grossman, Serpentine II, óleo sobre tela, 51 x 61 cm.

Assim, os trabalhos que produzi para a exposição dos formandos do ano de 2016 foram três telas a óleo, sendo duas nos tamanhos de 200x120 e uma 180x120. Elas representam, através da variação das cores, o que um dia de contemplação da natureza nos apresenta.

Pintei a série utilizando a tinta óleo que possibilitou uma fusão de tons que se esvaem e se misturam criando um movimento ondular.

O primeiro trabalho representa um sol que mansamente clareia as colinas num brilho pálido de manhã, o segundo, uma tarde com sua cor mais vibrante aquecendo e nutrindo a vegetação e o último, um pôr do sol com as cores avermelhadas anunciando o anoitecer. São vales e montes que se perdem da visão. (Figuras 20, 21 e 22).

Cada momento do dia tem seu esplendor e é efêmero. A beleza que capturamos e gravamos. A cada instante de contemplação do nosso olhar, permanece fixado na memória e nenhuma máquina fotográfica (e nem mesmo a pintura), consegue registrar em sua totalidade, aquilo que estamos enxergando se mistura com nossas emoções e assume um valor diferente para cada um de nós. A pintura a óleo me proporcionou uma aproximação com aquilo que via.



Figura 20: Valéria Gatti, sem título, 2015, óleo sobre tela, 120 x 200 cm.



Figura 21: Valéria Gatti, sem título, 2015, óleo sobre tela, 120 x 180 cm.



Figura 22: Valéria Gatti, sem título, 2015, óleo sobre tela, 120 x 180 cm.

As montanhas em ondas também se encontram presentes em outros trabalhos que fiz especialmente, como este, em uma parede minha casa (Figura 23). Através da utilização de cacos de azulejos da própria construção, construí um mosaico na parede, medindo 6 metros de extensão por 1,80 de altura. Desta forma, pude me expressar através de outra experiência e materiais, o pensamento que construí na Universidade.

Acredito que um trabalho de criação autoral envolve um processo que alia nossa imaginação, nossas experiências, a nossa visão do mundo, libertando e transformando o que vemos em algo materializado em direção aos outros.



Figura 23: Valéria Gatti, sem título, mosaico com cacos de cerâmica, 600 x 180 cm

4 Considerações finais

Foi interessante e importante refletir sobre o meu trabalho ao longo dos quatro anos que passei dentro da Escola de Belas Artes.

Hoje consigo perceber sua evolução, olhando retrospectivamente seu desenvolvimento e para onde foi e está me levando. Minhas pinturas são uma interpretação da paisagem.

O professor Mário Azevedo, com quem trabalhei no Atelier de Pintura I, me marcou por uma fala relativa à pintura, quando disse que o trabalho do artista deve causar alguma estranheza. E perguntou-me: O que faz com que você se detenha em uma imagem, caminhando pela rua? O que te chama a atenção ali? O que te faz desviar o olhar para aquele determinado recorte? Continuando, disse ainda que é algo dessa ordem que deve “passar” para o espectador. O trabalho da arte é tocar os outros para além do visível, mesmo que através das imagens. Quando uma “obra” não afeta ninguém, a energia da arte não foi emitida em um teor suficiente. As pessoas podem até considerar a beleza de um trabalho exposto em uma galeria, de uma pintura ou de uma fotografia quaisquer, por exemplo. Mas essa imagem repotencializada, em nome do que tratamos aqui – pensando a arte como artista – não traz relações apenas com a suposta perfeição da representação, por exemplo. Esse é só um expediente entre outros tantos possíveis na atualidade, tais como detonar uma questão afetiva, abrir uma reflexão inusitada, estabelecer algum questionamento ou instigar a busca de novas respostas, através da elaboração das imagens... essas são as forças que a arte maneja; essa sim, é a principal operação do artista, a tal estranheza, a criação de uma energia . “Copiar” uma suposta realidade é muito pouco. Acredito que ele está coberto de razão e este pensamento me ajudou muito, assim como também me mostrou o valor de vários artistas da nossa contemporaneidade.

O professor Mário Zavagli, com sua sensibilidade e ensinamentos também me ajudou a acreditar naquilo que estava produzindo, a ver naquilo que estava construindo, em cada pincelada, algo que tinha um conteúdo e significado. Assim, pude realizar meu trabalho com mais espontaneidade e fluidez.

Aprendi, nestes anos, a valorizar em cada dia o “fazer artístico” e a compreender que o conhecimento teórico e prático nos ajuda a entender a busca de significado para nossas pinturas e também nas de outros artistas.

... o significado de uma pintura repousa na experiência induzida em um espectador, suficientemente sensível, suficientemente informado, de olhar a superfície da obra conforme o artista foi levado a marca-la por força de suas intenções.³

Acredito que, hoje, estou me formando no curso de Artes Visuais não como ‘artista’, mas sim como uma pessoa que adquiriu capacidade de apreciar um bom trabalho, de valorizar a produção de outros artistas, independente de que tipo de arte seja, respeitando a história e a trajetória de cada um deles. A diversidade é um campo de aprendizado que não devemos subestimar.

Também saio feliz, porque posso, dentro do meu campo de ação, transmitir um pouco de conhecimento sobre a arte para aqueles com quem tenho convívio, contribuir para que desenvolvam a sua sensibilidade para perceberem a beleza do mundo vista pelos olhos dos artistas, assim como a importância que suas imagens têm para a sociedade enquanto forma de expressão; como uma maneira de instigar em nós mesmos certos questionamentos dos quais normalmente e cotidianamente fugimos e da importância de nos posicionarmos perante o que nos cerca.

³ WOLLHEIM, Richard. A pintura como arte, *O que o artista vê*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Referências

GROWE, Bernard. Edgar Degas. Tradução: Alice Milheiro, Lisboa. Alemanha: Editora Taschen, 2001

NOVAES, Adauto (ord). Constelações. In:_____. Artepensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

WOLLHEIM, Richard. A pintura como arte, São Paulo: Cosac & Naify, 2002.